



O CONTO DO MOLEIRO DE GEOFFREY CHAUCER: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

MEDEIROS, Márcia Maria de (UEMS)

RESUMO: Escritor inglês de renome no cenário da literatura britânica, a obra de Geoffrey Chaucer praticamente não é conhecida no Brasil. Entre seus livros está *The Canterbury Tales*, o qual é considerado por vários autores como um painel que reflete vários tipos de formas literárias oriundas da idade média, compreendendo, portanto, um panorama do cenário literário medieval, partindo da tônica do amor cortês, registrada no poema de abertura do Livro, qual seja, o Conto do Cavaleiro, passando pelas hagiografias que narravam às vidas dos santos, como pode ser entrevisto no Conto do Magistrado. Ademais, o texto de Chaucer é um cenário que reflete o modo de ser no mundo e o modo de ver o mundo na Inglaterra da Baixa Idade Média Crítica das classes sociais que constituem esse panorama Chaucer não é um reformador social. Prova disso é a estrutura de seu texto, que inicia com o Conto do Cavaleiro e se encerra com o Conto do Paráco. Seu texto também traz um quadro geral dos diversos tipos de formas literárias retratados nos contos deste livro, encontra-se o Conto do Moleiro, no qual Chaucer narra uma história de adultério envolvendo um jovem estudando chamado Nicholas, a bela e jovem esposa de seu senhorio, Alisson, e um sacristão chamado Absalon, também embriagado pelos dotes da linda jovem, amante do estudante. Essa história tem um final inesperado e tragicômico, sendo que pela sua estrutura, esse conto pode ser comparado aos fabliaux medievais, e esse artigo tenta demonstrar as semelhanças existentes entre ambos.

PALAVRAS-CHAVE: literatura inglesa; Idade Média; conto; fabliaux

ABSTRACT: English writer of renown in the scenario of British literature, Geoffrey Chaucer's work is hardly known in Brazil. Among his books are *The Canterbury Tales*, which is considered by many authors as a panel that reflects various literary forms coming from the Middle Ages, including, therefore, a panorama of medieval literary scene, from the tone of courtly love, registered in opening poem of the book, namely, the Knight's Tale, through the hagiographies that chronicled the lives of the saints, as can be glimpsed in the Tale of the Magistrate. Besides, the text of Chaucer is a scenario that reflects the way of being in the world and way of seeing the world in England in the Middle Ages Critical social classes that make up this panorama Chaucer is not a social reformer. Proof of this is the structure of your text, which starts with the Knight's Tale and

the Tale ends with the Paracas. His text also has begotten a framework of various types of literary forms in the stories portrayed in this book, is the Miller's Tale in which Chaucer tells a story of adultery involving a young man named Nicholas studying, the beautiful young wife of his landlord, Alison, and a clerk named Absalon, too drunk by the gifts of beautiful young student lover. This story has an unexpected ending and tragicomic, and by its structure, this story can be compared to medieval fabliaux, and this article attempts to demonstrate the similarities between them.

KEYWORDS: english literature; Middle Age; tale; fabliaux

A essência de Os Contos da Cantuária é constituída de diversas histórias, as quais têm elos de ligação entre si, juntamente com o Prólogo Geral onde os romeiros são apresentados um por um. Segundo Paulo Vizioli:

Se Chaucer tivesse sido fiel a seu plano, a obra deveria conter nada menos que cento e vinte histórias. O plano contudo, não era rígido (tanto assim que o Cônego e seu Criado se agregaram à comitiva em plena estrada). Além disso, o próprio autor logo se deu conta de sua impraticabilidade, havendo no texto claros indícios de que ele alterou o ambicioso projeto original a meio caminho, substituindo-o por uma concepção mais modesta, onde a cada peregrino caberia o encargo de apenas um ou dois contos (CHAUCER, 1988, p. XIV).

Um dos grandes méritos da principal obra de Chaucer consiste em expor aos olhos de seus leitores e leitoras um panorama geral da vida medieval, o qual se inicia no Prólogo Geral, onde se explana sobre a vasta galeria de tipos representativos das várias camadas da sociedade, desde a nobreza, passando pela burguesia até a classe popular.

Esta galeria de personagens é verdadeiramente uma jóia da literatura medieval e mesmo universal. Através das descrições feitas por Chaucer se tem um conhecimento de primeira mão sobre as condições sociais, econômicas e morais da Inglaterra de final do século XIV. Assim desfilam aos olhos de quem lê o texto práticas que envolvem interesses materialistas (como o mercador), mas também práticas que deveriam ter abandonado as riquezas materiais e o dinheiro (como o médico), as quais almejam ouro e propriedades.

Cabe salientar que embora Chaucer não fosse um reformador social (basta lembrar que ele abre Os Os Contos da Cantuária com o Conto do Cavaleiro, símbolo dos ideais cavaleiresco, e encerra com o Conto do Pároco, símbolo dos ideais cristãos) isso não quer dizer que ele fechasse os olhos para a realidade de seu tempo, demonstrando ser sensível as mazelas sociais e aos problemas do período. Vizioli se refere dessa forma ao assunto:

É preciso, porém, que se levem em consideração outros fatores, tais como: 1º) a inclusão de fidalgos e mendigos na romaria iria ferir os princípios do realismo, porque, como os primeiros dispunham de séquitos próprios e os segundos não dispunham dos mínimos recursos para o custeio da viagem, nenhum representante desse dois grupos extremos jamais se incorporaria à comitiva descrita; 2º) embora ausentes do *Prólogo*¹, os aristocratas e os pobres são abordados no corpo de vários contos, completando assim o quadro social da época; 3º) a aceitação das bases ideológicas da sociedade em que vivia e a preferência por uma atitude estética objetiva (em lugar de panfletária) não significam que o escritor fechasse os olhos à realidade de seu tempo (CHAUCER, 1988, p. XV)

Nada escapa à sátira de sua pena. Em alguns contos ele aponta a decadência dos valores cavaleirescos, em outros denota a usurpação das prerrogativas da nobreza pela burguesia mercantil a qual parecia querer enobrecer. Existem ainda personagens que são ambiciosos por demais, ou que exploram o povo. Chaucer se nega a idealizar as classes mais baixas, revelando abertamente suas trapaças. Mas é contra a igreja que seus escritos se tornam mais ferinos.

Em *Os Contos da Cantuária*, Chaucer não representa somente a sociedade medieval. Seu texto mostra também um panorama da cultura e da literatura do período, como bem demonstra Fernando Gálvan:

Los cuentos que nos relatan estos peregrinos, abaracan prácticamente todos los géneros medievales, ya que se incluyen has el tedioso sermón en prosa que relata el párroco, o el género del ejemplo moral (*exemplum*), también en prosa, como es la 'Historia de Malibea', narrada por el próprio Chaucer. Pero en verso hay todo tipo de géneros: el romance, que es presentado con total seriedad por el caballero, o el escudero, y de forma burlesca y satírica por Chaucer (en la 'Historia de Sir Thopas'); el *flabiau*, en los cuentos del molinero, el alguacil, el mayordomo, el cocinero, el fraile, el mercader y otros, el *lai*, en el cuento del hacendado; los milagros, como en el cuento de la priora; las tragedias, como en los cuentos del cura o el del médico; las fábulas de animales, como en los cuentos del cura, de la monja y del intendente; las historias de santos, como en el relato de la segunda monja; e incluso historias de hadas de ambiente artúrico, como la que cuenta la comadre de Bath, etc (GÁLVAN, 1999, p. 166).

Assim, e a partir das considerações deste autor, pode-se dizer que Chaucer realiza um feito sem igual em toda a literatura medieval, pois cria não somente uma gama de personagens muito diversos, aos quais caracteriza com seus próprios registros lingüísticos e psicológicos, mas também recria a variedade de gêneros e modos narrativos da época.

Quando o leitor ou leitora se entretém com as páginas de Os Contos da Cantuária, percebe que existe aí uma admirável flexibilidade de linguagem, pois o autor passa do estilo mais elevado e elegante, para o mais grosseiro ou para o mais fantástico e sugestivo, em função dos requisitos de cada gênero, de cada conto ou de cada situação.

Mas segundo Paulo Vizioli, o texto de Chaucer não apenas ilustra gêneros literários diferentes como também:

[...] parece focalizar propositalmente uma ciência ou mais, dando-nos assim uma ampla visão da cultura da época. Consequentemente encontramos extensas referências à medicina ('O Conto do Cavaleiro'), à alquimia ('O Conto do Criado do Cônego), à teologia ('O Conto do Frade'), à magia ('O Conto do Proprietário de Terras'), ao comércio e às finanças ('O Conto do Homem do Mar'), à filosofia, à retórica e assim por diante, para não se falar da astrologia, de que o poeta era estudioso apaixonado e à qual faz alusões em quase todas as narrativas (CHAUCER, 1988, p. XVI)

Os críticos e historiadores da literatura têm a obra de Geoffrey Chaucer e em especial, Os Contos da Cantuária, em alta consideração, pois nela se pode encontrar um resumo da literatura medieval. Destarte, Chaucer pode ser catalogado como o "padre de las letras inglesas" (GÁLVAN, 1999, p. 167), um criador sem igual, pelo menos até a chegada de William Shakespeare.

A característica mais peculiar de Chaucer é a de ser um poeta vivo, que fala para o mundo de hoje tão claramente como falava para sua própria época. Essa, sem dúvida, é a qualidade que lhe confere grandeza.

Entre as histórias narradas está o Conto do Moleiro, o qual conta as peripécias amorosas e adúlteras de um jovem estudante que atende pelo nome de Nicholas, o Galante.

Esse conto tem uma forma de apresentação que o torna semelhante aos *fabliaux*² medievais, o que reforça a assertiva de que *The Canterbury Tales* constitui-se em um painel que reúne vários gêneros³ literários oriundos da Idade Média. Antes de demonstrar as interfaces que existem entre o Conto do Moleiro e os

fabliaux este artigo fará uma breve explanação sobre este tipo de literatura visando oferecer aos leitores e leitoras maiores informações sobre ela.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que a produção literária medieval, até o século XV, era realizada em verso. Partindo dessa premissa identificam-se três linhas principais que compreendem a canção de gesta, o romance e a poesia lírica sendo que cada uma delas possui características e regras de produção próprias.

Entretanto, existe uma quarta corrente a qual, segundo Nora Scott no prefácio do texto *Pequenas Fábulas Medievais: Fabliaux dos Séculos XIII e XIV*, é: “[...] menos bem definida, talvez mais complexa, que agrupa ‘pequenos gêneros’, ‘subgêneros’, em sua maioria narrativas curtas” (ANÔNIMO, 1995, p. IX). Essa corrente é pouco conhecida e pouco estudada no Brasil.

Essas narrativas recebem o nome de *fabliaux* (palavra de origem picarda⁴) e suas tramas se desenrolam em locais como a casa, a rua, ou a praça pública. Tal nomenclatura é utilizada, de acordo com José Rivair de Macedo, para designar uma pequena narrativa de cunho fictício (MACEDO, 2000, p. 163) e existe certa dificuldade em caracterizá-las e distingui-las umas das outras, o que pode ser percebido no fato de que:

[...] os manuscritos que contêm os *fabliaux* têm como única semelhança o fato de serem todos constituídos por uma grande diversidade de peças relativamente curtas, onde o profano, e mesmo o vulgar, vai de par com o religioso – justaposição para nós insólita (ANÔNIMO, 1995, p. X)

Segundo Nora Scott, coube a Joseph Bédier apontar um caminho em relação à resposta por uma definição do que é o *fabliau*. O conceito criado por este autor⁵ acabou tornando-se ponto de referência para todos os estudos posteriores. Segundo José Rivair de Macedo a obra desse autor:

[...] teve dois objetivos. O primeiro, no qual obteve total sucesso, pretendia apontar a fragilidade da tese e o orientalista alemão Theodor Benfey, assimilada na França por Gaston Paris, segundo a qual os contos populares ocidentais provinham de uma matriz oriental, tendo sua raiz na tradição Hindu. Tomando os *fabliaux* como exemplos de contos populares, ele argumentou convincentemente contra tal tese, demonstrando a pequena incidência de contos orientais sobre os contos europeus e indicando a vinculação de determinados contos greco-romanos e germânicos com os textos medievais. Quanto ao segundo objetivo, Bédier parece ter sido menos fe-

liz. Com o escopo de caracterizar os contos, associou-os à emergente burguesia medieval, considerando-os um gênero destinado a este público específico. Assim, via nos *fabliaux* a expressão do espírito burguês na literatura (MACEDO, 2000, p. 166)

Uma das grandes temáticas tratadas pelo *fabliau* é o adultério (caso do Conto do Moleiro). Ademais, tratam-se outros assuntos como, por exemplo, conquistas amorosas ou sexuais, casos ou sonhos eróticos e/ou obscenos, intrigas e conflitos conjugais, pequenas fraudes, conflito entre homens e mulheres, ou entre pessoas de idades e posições sociais diferentes.

Normalmente os *fabliaux* são classificados como conto ou narrativa. Dessa forma estão em campos opostos à poesia lírica. Sua extensão é média ou mesmo curta, o que os diferencia das canções de gesta. Finalmente, são caracterizados como contos em verso, o que os distingue dos romances em prosa e dos *exemplum*⁶.

Mesmo sendo difícil de ser caracterizado em meio ao nebuloso quadro da literatura medieval, é possível afirmar, segundo Scott, que os *fabliaux* possuem certas tendências, como por exemplo, a **brevidade**.

Existem peças com cerca de trinta versos, outras com cerca de mil (caso raro) sendo que a grande maioria oscila entre 200 e 400 versos. No caso específico do Conto do Moleiro ele é constituído de 670 versos o que o coloca dentro desse quadro caracterizado pela questão da brevidade, a qual marca uma das diferenças entre essas peças e outras, como por exemplo, as hagiografias⁷ que tendem a ultrapassar a extensão média dos *fabliaux*.

A brevidade se desdobra em efeitos secundários, entre eles, a **condensação**, pois a idéia na mente do narrador conjuga-se em resumir a história a sua essência e não desenvolvê-la.

Observe-se o enredo principal do Conto do Moleiro: um velho homem rico casou-se com uma jovem bela e fogosa. Em sua casa morava um estudante chamado Nicholas, o qual deseja sexualmente sua esposa. Esta, além de Nicholas tem como admirador o sacristão Absalon. Para ter sua noite de prazer com a jovem, Nicholas diz ao marido que o mundo enfrentará um dilúvio e o convence de que o lugar mais seguro é ficar dentro de uma tina, presa ao teto da casa.

O velho prende três tinas, uma para cada um deles e ali fica a espera dos companheiros, que nessa altura já estão gozando as aventuras amorosas nos braços um do outro. Nessa mesma noite, Absalon vai à busca dos favores da jovem, que lhe nega seu desejo. Ele então lhe pede um beijo e ela vira-lhe as nádegas sendo que ele beija seu ânus. Furioso com a afronta Absalon vai até o ferreiro e lá pega um ferro em brasa planejando vingança.

Volta à janela da moça e chama por seu nome, mas dessa vez quem lhe dá as nádegas a beijar é Nicholas. Absalon então lhe queima o ânus e os gritos de Nicholas despertam o velho que havia adormecido dentro da tina, o qual, julgando estar vindo do dilúvio, corta as cordas que o prendiam e cai ao chão, quebrando um braço. Ele tenta contar aos vizinhos a história do dilúvio, mas Nicholas e sua esposa o desmentem, ficando o pobre por louco.

A condensação constrói em meio ao texto uma espécie de despojamento cujo resultado está na:

[...] tendência para reduzir as personagens e os eventos a tipos, tendência que contrasta com o desenvolvimento das descrições e dos episódios característicos do romance: o padre cúpido, a mulher astuciosa, o marido traído; e a história decorre, quase por si mesma, do encontro desses tipos (ANÔNIMO, 1995, p. XXXI/XXXII).

José Rivair de Macedo concorda com essa idéia ao dizer que a literatura que constitui os *fabliaux* tendeu a reduzir suas personagens a tipos, o que contrasta de forma gritante com as descrições pormenorizadas e individualizadas que apresentam os romances contemporâneos. Ainda segundo o autor essas personagens nada mais seriam que transposições de imagens deformadas oriundas da realidade urbana dos séculos XIII e XIV, o que não deixa de ter um grande interesse para os estudiosos e estudiosas que desejem apreender os fenômenos da sensibilidade coletiva do medievo (MACEDO, 2000, p. 174).

Tome-se como exemplo desse processo a figura da mulher: elas são apresentadas nos *fabliaux* em função da situação que ocupavam dentro da organização familiar. A designação de sua individualidade é velada (quando acontece), e normalmente participam do enredo como jovens filhas (que se deixam seduzir por estudantes sem eira nem beira ou por clérigos luxuriosos), esposas (as quais comentem adultério ou são cruéis para com o seu marido) ou viúvas (as quais podem ser grandíssimas alcoviteiras). Entretanto, segundo Macedo: "Quando, pelo contrário, os personagens femininos escapam das malhas da organização familiar, isto é, nos casos em que são prostitutas, seus nomes aparecem destacados e as ações ganham contornos originais" (MACEDO, 2000, p. 175).

Seja como protagonista ou coadjuvante, dependendo da sua idade ou de sua experiência, as mulheres aparecem nos *fabliaux* na condição de seres essencialmente astutos, dotados de malícia e dados a falcatruas. Nos contos onde aparecem meninas ou mocinhas casadoiras, elas estão sempre destinadas a ocupar o papel de

jovens tolas e ingênuas, seduzidas de forma fácil seja por estudantes seja por membros do clero. Fazem às vezes de troféus, de conquistas sexuais e normalmente perdem a virgindade nesse contexto. Elas são motivo de riso pela sua inocência e tolice ao se tornarem vítimas de estratégias bem sucedidas de assédio sexual.

No que tange as mulheres casadas, a malícia aparece realçada na elaboração psicológica das personagens femininas: as mesmas conseguem ludibriar seus companheiros seja na cama seja nas atividades corriqueiras do dia a dia. Em geral os parceiros são ridicularizados devido às artimanhas que elas empregam para melhor enganá-los e praticar o adultério.

A esposa do moleiro apresenta algumas dessas características. Em primeiro lugar sua figura tem um ar extremamente sedutor, ou seja, ela não era recatada como se esperava que uma esposa fosse⁸ e causava certo *frisson* nos homens. Chaucer a descreve da seguinte forma:

She was a fair young wife, her body as slender
As any weasel's, and as soft and tender;
She used to wear a girdle of striped silk;
Her apron was white as morning milk
Over her loins, all gusseted and pleated.
White was her smock; embroidery repeated
Its pattern on the collar, front and back,
Inside and out; it was of silk, and black.
The tapes and ribbons of her milky mutch
Were made to match her collar to a touch;
She wore a broad silk fillet, rather high,
And certainly she had a lecherous eye.
And she had plucked her eyebrows into bows,
Slenderly arched they were, and black as sloes;
And a more truly blissful sigh to see
She was than blossom on a cherry-tree,
And softer than the wool upon a wether;
And by her girdle hung a purse of leather,
Tasseled with silk and silver droplets, pearled;
If you went seeking up and down the world,
The wisest man you met would have to wrench
His fancy to imagine such a wrench;
And her complexion had a brigther tint
Than a new florin from the Royal Mint.

As to her song, it was as loud and quick
As any swallow's chirping on a rick;
And she would skip or play some game or other
Like any ki dor calf behind its mother.
Her mouth was sweet as mead or honey – say
A hoard of apples lying in the hay.
Skittish she was, and jolly as a colt,
Tall as a mast and uprigh as a bolt
Out of a bow. Her collaret revealed
A brooch as big as boss upon a shield.
High shoes she wore, and laced them to the top.
She was a daisy, O a lollypop
For any nobleman to take to bed
Or some good man of yeoman stock to wed (CHAUCER,
2003, p. 90)⁹.

Assim, pode-se dizer que o *fabliau* não é um texto muito condescendente para com a figura feminina, e de certo traz intrínseco a si os preconceitos que o período ostentava em relação à mulher. Assim, para Macedo, “[...] muitos estudiosos identificaram no gênero marcas indelévels de misoginia, malgrado os sentimentos misóginos terem prevalecido em outros gêneros distintos do aqui tratado. (MACEDO, 2000, p. 177).

Observa-se no texto literário que constitui o *fabliau* que, por exemplo, quando um marido parte para o mercado, seu rival, que é normalmente um padre ou um letrado, já chega. No Conto do Moleiro, o marido não parte para lugar nenhum, mas prende-se ao teto, denotando sua característica de tolice e ingenuidade da qual o jovem Nicholas se aproveita.

Aliás, cabe salientar que o marido traído é ridicularizado, caracterizando mais um elemento comparativo entre o conto escrito por Chaucer e os *fabliaux* medievais. Nestes, segundo José Rivair de Macedo, algumas personagens como as representadas pelos vilões (entendidos aqui como aqueles que habitam as aldeias) desempenham os papéis mais ridículos na trama deste tipo de texto literário sendo no mais das vezes “depreciados e humilhados” (MACEDO, 2000, p. 179). É o caso do marido do qual o Conto do Moleiro narra a história: ficou dentro de uma tina presa ao teto por acreditar que um novo dilúvio se aproximava; foi traído pela mulher nas suas barbas; caiu do forro e quebrou um braço; e para culminar passou por louco em meio a vizinhança.

Outra tendência apontada por Nora Scott, diz respeito à estreita relação entre **causa e efeito**, ou seja, um acontecimento é criado e é narrado a partir de uma idéia de unidade a qual se manifesta em uma relação causa/efeito, que quase sempre se mostra a serviço de uma idéia que se constitui em diretriz, como um moral, por exemplo.

Assim, a história contada pelo *fabliau* tem um início (o que foi feito) e um final (o que adveio) entrelaçados. O ato inicial enunciado ao princípio cria uma seqüência de acontecimentos a qual se desenrola seguindo uma lógica própria da narrativa que fica evidente para o público.

Observe-se os seguintes versos de Chaucer:

[...] His lodger was a poor student who had made
Some studies in the arts, but all his fancy
Turned to astrology and geomancy,
[...]
This lad was known as Nicholas the Gallant,
And making love in secret was his talent
For he was very close and sly, and took
[...]
This carpenter had married a new wife
Not long before, and loved her more than life.
She was a girl of eighteen years age
Jealous he was and kept her in the cage
[...]
Now gentlemen, this gallant Nicholas
One day began to romp and make a pass
At this young woman in mood of play
Her husband being out, down Osney way
He made a grab and caught her by the quim
And said, ' Unless I have my will of you
I' ll die of secret love – O, darling, do.'
[...]
Then Nicholas began to plead his cause
And spoke so fair and proffering what he could
That in the end she promised him the would,
Swearing she'd love him, with a solemn promise
To be at this disposal, by St. Thomas,
When she could spy na opportunity (CHAUCER, 2003,
p. 88/89/91)¹⁰.

Percebe-se nesse contexto de narrativa um crescendo que começa com a introdução na casa do carpinteiro casado com a jovem mulher, do estudante que irá seduzi-la. Sobre esse assunto informa Scott que:

Esse final ora é anunciado desde o início, ora está implícito na fórmula inicial. Tal narrativa – potencialmente contida na introdução, engendrada pela força motriz, desenvolvida segundo uma lógica preestabelecida e terminando de forma previsível, se não já anunciada – cria no ouvinte uma forte sensação de continuidade temporal e de necessidade (ANÔNIMO, 1995, p. XXXII).

Outra tendência perceptível nos *fabliaux* é a **presença de moral ou lição**. Nessa narrativa o processo do ensinamento, do exemplo, mesmo da moral não estão somente implícitos. Eles são claramente marcados no texto, seja na forma de um provérbio ou de uma moral que se enuncia no começo do conto ou em seu final; seja na forma de uma explicação em relação à lição que se vai ouvir ou que se acaba de ouvir.

Dessa forma, pode-se dizer que o *fabliau* tem uma espécie de formulação didática, a qual se encontra ligada em um grande número dessas histórias, a uma fórmula que insiste na verdade do que é narrado.

A narrativa possui assim uma eficácia psicológica muito grande que se desdobra na realização das previsões do narrador. Aqui a que se considerar essa questão intrinsecamente ligada ao processo da causa e efeito: ambos são instrumentos extremamente poderosos ainda mais quando a eles se associa uma lição ou uma moral e quando os fatos que essa lição ou moral atestam são tidos como verdadeiros.

No caso do Conto do Moleiro, a grande lição de moral que está contida na história é dita ao leitor ou leitora logo no começo e se refere ao casamento de pessoas já entradas em anos com pessoas mais jovens. Observe-se a citação que segue:

[...] For he was old and she was wild and young;
He thought himself quite likely to be stung.
He might have known, were Cato on his shelf,
A man should marry someone like himself;
A man should pick na equal for his mate.
Youth and old age are often in debate.
However, he had fallen in the snare,
And had to bear his cross as others bear (CHAUCER, 2003, p. 89)¹¹

Assim, pode-se dizer que de certa forma esses textos têm em si uma função didática a qual se encontra ligada a fórmula que em sua maioria eles trazem e que versa sobre a insistência de que sua narrativa é verdadeira. Ademais há que se considerar que essa narrativa possui certa eficácia psicológica “que realiza as previsões do narrador” (ANÔNIMO, 1995, p. XXXV). Esses elementos constituem-se em instrumentos de grande valor ainda mais quando a eles se vincula uma lição de moral e quando os fatos que ela atesta são tidos como verdadeiros.

Vale ressaltar que determinados *fabliaux* foram apropriados pelos jograis¹² e escritores medievais seguiram participando da oralidade e, portanto, subsistiram nas tradições folclóricas do Ocidente. Já outros, de acordo com Macedo:

[...] foram apropriados pelos novelistas dos séculos XIV e XV, e transpostos para as célebres coletâneas de contos do final da Idade Média. Não há como deixar de notar a inspiração dessas aventuras jocosas e anedotas picantes em textos como o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, os *Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer [...] (MACEDO, 2000, p. 182)¹³.

Ainda segundo Macedo, tais obras empregaram uma técnica literária e uma manipulação dos mecanismos retóricos que proporcionaram o surgimento de um texto mais sofisticado, sofisticação esta que era desconhecida pelos contistas anteriores (MACEDO, 2000, p. 183).

Mas de qualquer forma, esses textos cheios de artimanhas, peças e sátiras permitem ao leitor ou leitora uma melhor visão do imaginário social partilhado pelos grupos humanos em determinadas épocas e períodos, observando nesses grupos a tendência de encara a vida sob um determinado ponto de vista dotado de certo bom humor, ou como quer Macedo “[...] por uma perspectiva burlesca da existência [...]” (MACEDO, 2000, p. 183).

Certamente Chaucer teve contato com essas histórias para, a partir delas, criar o universo que compõem o Conto do Moleiro. Aliás, todo o conjunto de contos que compõem *The Canterbury Tales*, inclui diversos gêneros medievais: os *exemplum* estão representados no conto do pároco, os *fabliaux* podem ser vislumbrados nos contos do moleiro, do cozinheiro e do mercador; as hagiografias no relato da segunda monja...

Assim, pode-se dizer que Chaucer realiza um alarde estilístico sem igual na literatura medieval, pois ele cria uma gama diversa de personagens aos quais caracteriza com seus próprios registros lingüísticos e psicologias peculiares. Nesse contexto ele denota com grande habilidade seu conhecimento em relação à literatu-

ra que o antecedia, e da qual ele se apropria e sobre a qual recria universos como o representado no Conto do Moleiro sendo que como demonstrado nesse artigo, as principais características que compõem a construção do *fabliau* medieval, podem ser encontradas no texto de Chaucer.

NOTAS

¹ O grifo acompanha o original.

² O termo em questão (*fabliaux*) é utilizado no plural sendo que sua forma de apresentação no singular é *fabliau*.

³ Quando se fala em gênero literário na Idade Média, é preciso deixar claro que este conceito não é evidente. A noção de gênero no período não tinha curso e é um conceito que os críticos tomaram emprestado de outras épocas e que sofre hoje profundo questionamento. No entanto, opta-se pela utilização dessa palavra no sentido de entender que a Idade Média possuía vários tipos de textos literários com características distintas de forma que o termo auxilia a compreender melhor essa nuance.

⁴ Dialeto falado na região norte da França.

⁵ “Os *fabliaux* são contos em verso para rir” (BÉDIER, Apud Anônimo, 1995, p. XVII).

⁶ No singular, *exempla*, são narrativas curtas de cunho moralista. Eles foram criados na mesma época dos *fabliaux*, mas com inspiração e objetivos claramente distintos.

⁷ Textos que contam questões relativas à vida dos santos.

⁸ Sobre o assunto ver: DUBY, Georges & PERROT, Michele. **História das mulheres no ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1993.

⁹ Ela era uma jovem agradável, seu corpo era delgado/ Como qualquer doninha e era macio e tenro;/Ela usava um cinto com debrum de seda;/ Seu avental era branco como o leite da manhã/ Todo ele coberto de babados./ Branca também era a camisa, toda bordada/ O modelo de sua gola, frente e atrás/ Dentro e fora era de seda preta./ O laço de fita que usava/ Era feito para combinar com a gola;/ E a fita larga nos cabelos, atada nos cabelos./ E certamente ela tinha um olhar malicioso./ E ela tinha as sobrancelhas depiladas, curvas./ Elas eram elegantes e arqueadas, negras como abrunho;/ E a sua visão era realmente bem-aventurada/ Ela era mais florida que a pereira./ E mais suave do que a lã do carneiro;/ De sua cintura pendia uma bolsa de couro./ Com borlas de seda e contas de latão;/ Se fosse buscar pelo mundo/ O mais sábio dos homens você encontrasse/ Ele não a imaginaria;/ Sua pele tinha mais brilho/ Que uma moeda nova cunhada na Casa Real./ Seu canto era estrondoso e vivo/ Como de uma andorinha gorjeando numa pilha de feno;/ Ela pularia ou jogaria qualquer jogo/ Como uma criança ou bezerrinha atrás da mãe/ Sua boca era doce como o hidromel – dizem/ Ou um amontoado de maçãs sobre o feno./ Ela era leviana e jovial como um potro./ Alta como um mastro e reta como uma flecha/ Saída de um arco. Seu decote era fechado/ Por um broche grande como um escudo/ Pelas pernas subiam as tiras com que atava os sapatos/ Ela era uma margarida ou um doce/ Para qualquer homem nobre levar para a cama/ Ou algum fazendeiro de estirpe desposar.

¹⁰ Seu inquilino era um pobre estudante que tinha feito/Alguns estudos em artes, mas sua fantasia/Voltava-se para a astrologia e geomancia/[...]/Ele era conhecido como Nicholas, o Galante./

E amar em segredo era seu talento/ Ele era esperto e discreto/[...]O carpinteiro tinha casado com uma jovem mulher/Não fazia muito tempo e a amava mais que sua vida/Ela era uma jovem de dezoito anos/Ciumento ele a mantinha numa gaiola/[...]Agora senhores, o galante Nicholas/Um dia começou a brincar/Com a jovem mulher, como em um jogo/Seu marido estava fora a caminho de Osney./ Ele fez uma garra e a pegou pela boceta/ Dizendo: 'Amenos que eu tenha minha vontade de você/Eu morrerei de amor – O, querida, morrerei.'/[...]Nicholas em seguida começou a defender sua causa/E tanto falou e prometeu/Que no final ela prometeu a ele que iria/Amá-lo com solene promessa/Estar a sua disposição, por St. Thomas./ Quando ela tivesse oportunidade.

¹¹ Por ser ele velho e ela jovem e selvagem;/ Ele vivia aflito, com medo de ser corneado./ Ele deveria Conhecer Cato que diz/ Um homem deve casar com alguém como ele./ Deve escolher alguém de sua idade./ Juventude e velhice estão sempre em debate./ Mas tendo caído na armadilha./ Tinha de viver nessa aflição como tantos outros.

O pensador em questão nomeado como Cato, é Dionísio Catão, o qual viveu no século III d. C.

¹² O jogral era o indivíduo que “cantava” as histórias nas cortes e festas. (VER SE È ISSO MESMO)

¹³ O grifo acompanha o original.

REFERÊNCIAS:

ANÔNIMO. **Pequenas Fábulas Medievais: *fabliaux* dos séculos XIII e XIV**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CHAUCER, G. **Os Contos da Cantuária**. Apresentação, tradução direta do inglês médio e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

CHAUCER, G. **The Canterbury Tales**. London: Penguin Books, 2003.

DUBY, Georges & PERROT, Michele. **História das mulheres no ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1993.

GALVAN, Fernando. **Literatura Inglesa Medieval**. Madrid: Alianza, 1999.

HERTOG, E. **Chaucer's *Fabliaux* as Analogues**. Louvain: Leuven University Press, 1991.

LE GOFF, J. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LE GOFF, J. & SCHMITT, J. C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002.

MACEDO, J. R. **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**. São Paulo: UNESP, 2000.

MELLO, J. R. **O Cotidiano no Imaginário Medieval**. São Paulo: Contexto, 1992.